Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Racismo Intra-Religioso nas Religiões de Matriz Africana: disputas simbólicas entre Umbanda e Candomblé no TikTok[1]

Intra-Religious Racism in African-Derived Religions: Symbolic Disputes Between Umbanda and Candomblé on TikTok

Thayná Severo da Barra Hernández

Palavras-chave: Comunicação digital**,** Racismo intra-religioso, Religiões de matriz africana, TikTok**.**

Introdução

Os africanos e seus descendentes diretos sofreram um apagamento sistemático na sociedade brasileira desde o tráfico negreiro. A partir da colonização, o negro se tornou o "outro", a "coisa", estando no limbo entre o humano e o sub-humano. Por isso, tudo o que era originário dessa população era considerado "ruim", "negativo" e "primitivo", assim como seus orixás, suas danças, sua fé e seus ancestrais.

Com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, não tivemos políticas públicas de reparação efetiva, deixando essas pessoas totalmente à margem, sem oportunidades de moradia, trabalho ou estudo. Com isso, a população negra continuou sendo o "outro", passando pelo mesmo processo de discriminação e apagamento vivido por seus ancestrais. Apesar de todo o genocídio sofrido pelo povo negro, eles resistiram e se

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reinventaram, trazendo cultos ancestrais e readaptando-os às suas novas realidades, a partir do processo de hibridação, segundo Canclini (2017). Cultos como a umbanda, a quimbanda e o candomblé são religiões tipicamente brasileiras. Dentro desses espaços existe um celeiro de resistência, comunicação e saberes, que são compartilhados e afirmados dentro e fora desses territórios.

A imposição dos colonizadores ao afirmar que os cultos religiosos oriundos da África eram considerados “bruxaria” fez com que essa rotulação reverberasse até a atualidade, obrigando os escravizados a aderirem a apenas uma religião: o cristianismo. Porém, como tudo o que vem do negro é considerado “ruim”, os cultos afro sofreram e ainda sofrem perseguição, intolerância e racismo religioso. Templos são quebrados, religiosos afro são discriminados, entre outras perseguições.

Racismo Intra-religioso

Segundo (Miranda, 2021) o racismo religioso é uma categoria fundamental para compreender as violências direcionadas às religiões de matriz africana no Brasil. Diferentemente da noção de "intolerância religiosa", o conceito evidencia que tais agressões possuem a raça como elemento estruturante, atingindo diretamente identidades construídas a partir de matrizes africanas e indígenas historicamente estigmatizadas. Trata-se de uma manifestação do racismo estrutural e institucional, expressa por práticas discriminatórias que podem partir tanto de indivíduos quanto do próprio Estado. Essa dinâmica se revela na concessão de privilégios a grupos cristãos e na recorrente marginalização das tradições afro-brasileiras, que, em alguns casos, ainda têm sua legitimidade religiosa questionada por instituições públicas e jurídicas.

Com isso, a emergência do racismo religioso como termo de luta faz parte de uma nova "gramática cívica" adotada pela chamada "política dos terreiros". Essa mobilização busca transformar o que antes era visto como um conflito privado ou como "intolerância" em um problema público de direitos humanos, exigindo que o poder público e o Judiciário reconheçam a motivação racial por trás dos ataques. Em casos de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

violência extrema, como a destruição física de templos e a expulsão de religiosos sob coação armada — fenômeno muitas vezes associado ao que a autora denomina de políticas "cristofascistas" e ao extremismo religioso —, o conceito é ampliado para a denúncia de um "genocídio religioso do povo negro", visando dar visibilidade à letalidade e à perseguição sistemática que buscam a eliminação física e simbólica desses grupos.

A partir do racismo religioso, observa-se que se trata de um racismo institucionalizado, presente em diversas frentes da sociedade brasileira. Com isso, abordo um novo conceito denominado racismo intra-religioso, compreendido como discursos de superioridade estética, doutrinária ou hierárquica entre líderes e praticantes de religiões de matriz africana, como se observa, por exemplo, nas críticas de adeptos do candomblé às práticas umbandistas. Portanto, trata-se de um racismo que ocorre a partir de "dentro dos terreiros", onde membros de um determinado culto sentem que sua tradição é superior à do "outro". Esse fenômeno tem suas raízes no racismo religioso, definido por (Miranda, 2021) como uma forma específica de preconceito que associa práticas espirituais à ancestralidade negra. Trata-se, portanto, de um fenômeno que entrelaça discriminação racial e religiosa, reforçando estruturas coloniais.

O racismo intra-religioso deriva do racismo religioso, uma forma específica de preconceito que associa práticas espirituais à ancestralidade negra. Não se trata apenas de intolerância religiosa, mas de um entrelaçamento entre discriminação racial e religiosa que reforça estruturas coloniais de exclusão. O racismo intra-religioso expõe as persistências coloniais que ainda fragmentam o campo religioso. Juntos, esses conceitos ampliam o olhar da Comunicação sobre o sagrado, a identidade e a memória, reafirmando o papel das espiritualidades negras como produtoras de saberes e narrativas contra-hegemônicas.

Objetivo da pesquisa

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Analisar como discursos de racismo intra-religioso são produzidos e circulam em perfis de sacerdotes e praticantes do candomblé e da umbanda na plataforma TikTok, compreendendo de que forma essas narrativas reproduzem hierarquias simbólicas, estéticas e doutrinárias herdadas da colonialidade.

Metodologia

A pesquisa será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, buscando compreender como discursos de racismo intra-religioso são produzidos e circulam em ambientes digitais. Para isso, serão analisados conteúdos publicados na plataforma TikTok por sacerdotes e praticantes das religiões de matriz africana, especialmente da umbanda e do candomblé, com o objetivo de identificar padrões de hierarquização, exclusão simbólica e inferiorização do culto do "outro".

Como membro de religião de matriz africana desde a infância, sempre observei esses discursos no interior dos terreiros de axé, percebendo-os como práticas naturalizadas e historicamente enraizadas. A partir dessas observações e vivências, passei a identificar a presença dessas mesmas narrativas no campo digital, especialmente nas redes sociais. Tal percepção levou à compreensão de que, assim como a materialidade do terreiro tem se expandido para os espaços digitais, por meio de transmissões, conteúdos educativos e debates religiosos, também o fenômeno do racismo intra-religioso atravessa esses ambientes e passa a ser reproduzido e amplificado nas plataformas.

Dessa forma, serão selecionados perfis públicos de integrantes e sacerdotes dessas tradições religiosas que produzam conteúdos relacionados às práticas, fundamentos e identidades afro-religiosas. A partir desse corpus, será realizada uma análise discursiva dos conteúdos publicados, buscando identificar falas e posicionamentos que expressem superioridade estética, doutrinária, ritualística ou hierárquica de um culto em relação ao outro, mesmo quando ambos compartilham raízes africanas.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Ao abordar esse fenômeno, o estudo pretende contribuir para a ampliação do debate sobre racismo religioso e colonialidade no interior das religiões de matriz africana, fortalecendo reflexões sobre diversidade, respeito às diferenças e solidariedade entre as tradições afro-religiosas.

Fundamentação teórica

A transição da materialidade do terreiro para as redes sociais, como o TikTok, exemplifica o que (Castells, 2013) denomina "autocomunicação de massa". Nessa plataforma, sacerdotes e praticantes atuam como atores comunicativos que têm o potencial de programar redes de significado. O poder, na sociedade em rede, é exercido pela construção de sentido na mente das pessoas; assim, quando um sacerdote utiliza seu perfil para estabelecer o que é "fundamento legítimo", ele está exercendo uma forma de poder simbólico que pode tanto fortalecer a identidade quanto reproduzir exclusões.

Os discursos de superioridade doutrinária e estética identificados na metodologia refletem a construção histórica do modelo nagô-cêntrico. (Silva, 1993) demonstra como a etnografia clássica e os próprios religiosos elevaram o rito iorubá ao status de "modelo para os demais", enquanto as tradições banto (Angola) e a Umbanda foram estigmatizadas como "toscas", "degradadas" ou meramente "macumba". No TikTok, essa colonialidade se manifesta quando criadores de conteúdo utilizam a estética da pureza para inferiorizar o culto do "outro", rotulando-o como "inautêntico" ou "simulado".

A reprodução de hierarquias herdadas da colonialidade pode ser analisada através da teoria de (Canclini, 2013) sobre coleção e patrimônio. As elites religiosas, ao definirem um repertório fixo de "tradições autênticas", criam uma barreira que naturaliza a exclusão daqueles que praticam formas híbridas ou sincréticas. O racismo intra-religioso no ambiente digital opera como um mecanismo que rejeita "maneiras heterodoxas" de viver a religião, absolutizando uma identidade em detrimento da hibridação cultural que é, de fato, constituinte das religiões afro-brasileiras.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Ana Paula (Miranda, 2021) contribui para o objeto de estudo ao questionar a suposta harmonia racial nos terreiros, apontando que o racismo religioso não é apenas um ataque externo ("cristofascista"), mas também uma tensão interna que atinge o processo de constituição da identidade negra. No TikTok, discursos que promovem a "desafricanização" de certos ritos ou que utilizam marcadores de "superioridade racial e ritual" para desqualificar outros praticantes evidenciam como a "gramática cívica" da luta por direitos muitas vezes se choca com disputas internas de prestígio.

Ao analisar os perfis no TikTok, a pesquisa identifica como a indignação e a esperança (termos de Castells) são mobilizadas não apenas contra o opressor externo, mas como ferramentas de contrapoder interno. O racismo intra-religioso revela-se, portanto, como uma tentativa de reprogramar a rede afro-religiosa sob moldes coloniais de exclusão, onde o "mais africano" é usado como capital simbólico para produzir situações humilhantes de invisibilidade para o "outro".

Discussão

O primeiro vídeo apresenta indícios de racismo intra-religioso ao estabelecer hierarquias simbólicas entre diferentes vertentes afro-religiosas. Ao diferenciar uma suposta "umbanda tradicional" da chamada "umbranca", o enunciador constrói critérios de autenticidade e legitimidade que associam determinadas práticas à pureza e à fidelidade às origens africanas, enquanto outras são caracterizadas como descaracterizadas ou excessivamente influenciadas por elementos externos. Embora o discurso critique a colonialidade e o apagamento epistemológico presentes nos processos de sincretismo, ele também produz mecanismos de exclusão simbólica ao delimitar quais expressões religiosas seriam legítimas. Dessa forma, o vídeo evidencia como discursos de pureza, fundamento e autenticidade podem reproduzir, no interior do próprio campo afro-religioso, relações de hierarquização e desigualdades simbólicas entre seus praticantes.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

No segundo vídeo observa-se a existência de disputas simbólicas entre religiões de matriz africana, sobretudo entre umbanda e candomblé. Ao rebater discursos que afirmam que a umbanda "não tem metade do fundamento e do axé do candomblé", o enunciador denuncia a inferiorização recorrente dessa tradição e reivindica sua legitimidade própria. Ao mesmo tempo, o material revela que tais disputas não se restringem a diferenças doutrinárias, mas envolvem processos de hierarquização religiosa que podem ser compreendidos à luz do racismo intra-religioso, na medida em que reproduzem, no interior do próprio campo afro-religioso, lógicas de valor, pureza e superioridade.

Considerações finais

A análise dos vídeos revelou que o racismo religioso e o racismo intra-religioso se manifestam tanto por agressões externas quanto por hierarquizações internas entre religiões de matriz africana. Os discursos analisados mostram a umbanda como alvo de deslegitimação e evidenciam disputas simbólicas marcadas por ideias de pureza, autenticidade e superioridade. Nesse contexto, as relações entre umbanda e candomblé podem reproduzir mecanismos de exclusão, mas também gerar estratégias de resistência e afirmação identitária. Assim, o debate sobre o racismo intra-religioso contribui para ampliar a compreensão das violências que atravessam o campo afro-religioso e para valorizar os saberes e tradições ancestrais.

Referências

CASTELLS, **Manuel.** ***Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet.*** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. **"A 'política dos terreiros' contra o racismo religioso e as políticas 'cristofascistas'".** *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 40, p. 17-54, ago./dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8136.120344.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

GARCÍA CANCLINI, **Nestor.** ***Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*****.** 4. ed., 4. reimpr. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2008. (Série Ensaios Latino-americanos, 1).

SILVA, Vagner Gonçalves da. **"O Terreiro e a Cidade nas Etnografias Afro-Brasileiras".** ***Revista de Antropologia***, São Paulo, USP, v. 36, p. 33-81, 1993.

@ZéLuiz. ***Por que o Candomblé se acha superior a Umbanda***? TikTok 3 março de 2023. Disponível em: https://vt.tiktok.com/ZSQ4EWV3c/. Acesso em: 15 jun. 2026.

@Cleber de Oyá. ***A Umbanda não tem metade do fundamento do candomblé***. TikTok, 10 maio 2026. Disponível em: https://vt.tiktok.com/ZSQ4QXWq4/. Acesso em: 15 jun. 2026.